

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

20



ἩΜΕΙΣ ΤΟΙΣ ΠΑΤΕΡΑΣ ΕΙΜΕΝ
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

CORPOS EM CONSTRUÇÃO: NATUREZA E CONDIÇÕES DO CORPO FEMININO NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA

CRISTINA SANTOS PINHEIRO

Universidade da Madeira

polybios@uma.pt

Resumo

Em culturas que consideram o homem a norma da humanidade, o corpo da mulher impõe-se como um desvio desafiador e de difícil compreensão, especialmente em épocas em que se desconhece, em grande medida, o interior do corpo humano. Estas circunstâncias condicionam a concepção da mulher e do seu corpo que nos é apresentada nos textos gregos e romanos relacionados com a medicina. A análise de alguns destes textos, que têm como referências primordiais as teorias hipocráticas e a biologia aristotélica, mostra a existência de uma reflexão sobre a natureza do corpo feminino e as suas patologias e a tentativa de definir paradigmas que expliquem o funcionamento fisiológico e as características anatómicas da mulher.

Palavras-chave: Ginecologia antiga; mulheres na Antiguidade; corpo feminino.

Abstract

In societies where the male is the norm for humanity, the female body imposes itself as a challenging detour, especially in periods when the interior of the human body is almost unknown. These circumstances shape the conception of the woman's body that is offered in Greek and Latin texts about medicine. The analysis of some of these texts, whose primary models are

Hippocratic medical theories and Aristotle's biological works, shows a reflection about the nature of the female body and its pathologies and an attempt to define patterns to explain women's physiology and anatomical features.

Keywords: Ancient Gynecology; Women in Antiquity; Female Body.

O corpo da mulher impôs-se desde cedo na cultura ocidental como um desvio desafiador e de difícil compreensão. A mitologia clássica explica a criação da primeira mulher, Pandora, como uma punição para Prometeu e para a humanidade, até então formada apenas por homens, devemos supor. Trata-se, assim, de uma construção posterior ao homem, criada com um fim determinado e que é entregue a Epimeteu, o irmão de Prometeu, bem menos inteligente do que este, com todos os atributos necessários para o seduzir: enfeitada com colares de ouro, grinaldas de flores e, claro, cosméticos, mas também dotada da capacidade de mentir e de seduzir. Moldada a partir da terra, Pandora recebe um dom de todos os deuses: de Atena as artes manuais, de Afrodite o encanto e as carícias, de Hermes uma inteligência cinica e um carácter volúvel...¹¹ Caracterizada como um mal para a humanidade, especialmente devido ao incidente da vasilha, Pandora é apresentada como «a primeira da raça das mulheres» e introduz na vida dos mortais infortúnios e tribulações que até então desconheciam. Este início pouco digno define a mulher como um ser de outra natureza, que, desde os primórdios, se distingue do homem, tanto no plano físico, como no psicológico.

Esta concepção da mulher e do seu corpo como essencialmente diferentes do homem mantém nos textos gregos e romanos relacionados com a medicina uma tenacidade assinalável. A análise de alguns destes textos mostra, de facto, a existência de uma reflexão sobre a natureza do corpo feminino e as suas patologias e a tentativa de definir paradigmas que expliquem o funcionamento fisiológico e as características anatómicas da mulher, paradigmas esses que são moldados por considerações de ordem cultural, moral e política e que se mantiveram incontestáveis pelo menos até ao século XVI.

Neste estudo procuramos compreender algumas das teorias biológicas sobre a mulher que mais influenciaram a Antiguidade. A forma como a sociedade encarava o corpo da mulher e os processos reprodutivos que dele são específicos permitir-nos-á um melhor entendimento do papel social e cultural daquela, não apenas na época clássica mas

também, em grande medida, nos nossos dias. A concepção e a gravidez, o parto e o aborto espontâneo, a contracepção e o aborto voluntário são também temas em que nos deteremos para uma reconstrução das vivências associadas às mulheres.

Autores gregos («Hipócrates», Aristóteles, Herófilo) e romanos (Celso ou Plínio o-Velho), ou autores oriundos do Oriente grego que viveram e exerceram durante longos períodos em Roma (Sorano ou Galeno), permitem delimitar os contornos do que, com muitas limitações, poderemos designar de «ginecologia» greco-romana. Nesta confluem duas perspectivas: uma, de natureza mais científica, que se assume herdeira da tradição hipocrática e helenística, e que é mais notória em Celso, em Sorano e em Galeno; e uma outra abordagem, mais fundamentada na transmissão de práticas ancestrais de origem popular, que podemos reconhecer principalmente em Plínio.

O conhecimento do interior do corpo humano manteve-se durante séculos muito limitado e só nos alvares do Renascimento, com o contexto que então permitiu a dissecação de cadáveres humanos e a confirmação de que muitas das teorias antigas eram erradas, se iniciou o progresso lento da anatomia que guiou a humanidade em direcção às descobertas mais recentes. A ausência de meios técnicos que possibilitassem a observação do interior do corpo humano vivo, aliada ao vigor de preconceitos de ordem cultural, moral e ética, que levaram a que a dissecação de cadáveres só muito tarde se praticasse condicionaram a medicina antiga. Só durante um breve momento na história, em Alexandria, se criaram as condições necessárias para ignorar esses preconceitos. Durante o reinado dos Ptolemeus parece ter-se investigado o funcionamento do corpo em prisioneiros ou condenados que eram utilizados como *locus* de experimentação, mortos ou, de acordo com algumas fontes, também vivos⁽²⁾.

O interior do corpo humano conhecia-se principalmente por analogia com o corpo dos animais ou por observação casual e pouco sistemática de pessoas mutiladas. Desconhecia-se, assim, a razão de ser de muitos processos que, sendo visíveis e empiricamente verificáveis no exterior, escondem causas que, sem instrumentos técnicos adequados, se mantêm ocultas⁽³⁾. Estas limitações verificam-se igualmente quanto à estrutura e à fisiologia do aparelho reprodutor feminino. Para Aristóteles e para os autores do Corpo Hipocrático⁽⁴⁾, os ovários e as tubas uterinas eram desconhecidos, bem como a existência dos ligamentos que prendem o útero à bacia, facto que permitiu a divulgação de ideias erradas que moldaram de forma indelével o estatuto

social da mulher e que tornaram nebulosas questões determinantes como, por exemplo, a contribuição da mãe na génese do filho. Herófilo, um dos nomes mais importantes da medicina na época helenística, reconheceu os ovários, que entendeu como órgãos semelhantes aos testículos e a que, por esta razão, deu o nome de *didimoi* («gêmeos»). Identificou também as trompas de Falópio ou *tubae uterinae*, que designou como «ductos espermáticos femininos», apesar de não ter reconhecido o seu percurso correcto (por este motivo não percebeu a sua função na reprodução). Esta tendência de entender o corpo da mulher em comparação com o do homem tem o seu exemplo máximo em Galeno, que entendia que o aparelho reprodutor da mulher era igual ao do homem, mas era interno e não externo⁽⁵⁾.

O útero era designado em Grego como *metra* (pl. *metrai*), *hystera* (de que mantemos palavras como «histeria» ou «histérico»), ou *delphys*, que se associava à palavra *adelphos* («irmão»)⁽⁶⁾, e, em Latim, *uterus* ou *uulua* são as palavras mais frequentes, a par do pouco específico *loci*, que não significa mais do que «lugares»⁽⁷⁾. Descrito com recurso a metáforas, ainda hoje o aparelho reprodutor feminino mantém na sua nomenclatura termos que têm origem na comparação a um vaso que aparece já nos hipocráticos e em Aristóteles⁽⁸⁾: o útero tem um fundo (gr. *pythmen*, lat. *fundus*), uma boca ou abertura (gr. *stoma*, lat. *os*⁽⁹⁾), um colo ou pescoço (o que chamaríamos o gargalo, por exemplo, de uma garrafa) (gr. *trachelos*, lat. *colus*)⁽¹⁰⁾. A prática frequente e que se estende desde tempos muito antigos até aos últimos séculos do império, de se sepultarem as crianças muito pequenas dentro de recipientes de cerâmica (*hydriae*, *pythoi*, ânforas ou outros) parece demonstrar que este tipo de defuntos não chegou a sair do ventre materno ou que, na morte, a ele regressou.

Como até Herófilo se desconhecem, como dissemos, os ovários e, mesmo depois da identificação destes órgãos, não se compreendeu que as tubas uterinas os ligam ao útero e não à bexiga⁽¹¹⁾, mantém-se sempre incerto o papel da mãe na concepção, uma vez que ou não se reconhece a existência de uma semente feminina ou se lhe concede um papel diferente do que na realidade tem. As diferenças entre os sexos tomam nebulosas as distinções dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres e, por esta razão, é necessário definir categorias que permitam fundamentar uma distinção que a nível cultural é inexorável. Por não se reconhecer que nos ovários se gera uma semente feminina que, quando se une à masculina, contribui na génese de um novo ser, fundamenta-se uma série de práticas, crenças e ins-

tuições que, ao longo dos séculos, estabeleceram que a relação parental primordial é a paternidade. Tanto na família grega como na romana, os filhos – os filhos legítimos, note-se – pertencem à família do pai e não à da mãe.

Ainda assim, em pelo menos dois dos tratados hipocráticos, afirma-se que a concepção resulta da união de duas sementes, e o mesmo acontece no livro 10 da *História dos Animais*, tradicionalmente atribuído a Aristóteles mas de autoria duvidosa, e, mais tarde, na obra filosófica de Lucrécio. Nestes textos, pai e mãe contribuem de forma igual na geração do feto⁽¹²⁾. Aristóteles, todavia, não reconhece capacidade geradora à semente feminina que identifica com o sangue menstrual. Aristóteles (e Plínio, no seu seguimento) defende que o fluxo menstrual é uma semente mas que, ao contrário do esperma masculino, não tem capacidade de gerar:

A mulher é, com efeito, como um homem mutilado, e o fluxo menstrual é uma semente, mas não pura. Falta-lhe apenas um elemento, o princípio da alma. (Arist. GA 737a27)

Para Aristóteles, o sangue menstrual é uma espécie de sémen imperfeito, um nível intermédio entre o sangue normal e o sémen gerador do homem⁽¹³⁾. Plínio descreve a concepção como um processo em que o esperma masculino age sobre o sangue menstrual, dando-lhe forma como se se tratasse de um coágulo agindo no leite:

et hoc tale tantumque omnibus tricenis diebus malum in muliere existit et trimenstri spatio largius, quibusdam vero saepius mense, sicut aliquis numquam. sed tales non gignunt, quando haec est generando homini materia, germine e maribus coaguli modo hoc in sese glomerante, quod deinde tempore ipso animatur incorporaturque, ergo cum grauidis fluxit, inualidi aut non vitales partus eduntur aut <s>a<ni>osi, ut auctar est Nigidius. (Plin. Nat. 7.66)

E este mal tão curioso (i. e. a menstruação) acontece na mulher a cada trinta dias e, em maior quantidade, a cada três meses. Em algumas aparece com uma regularidade inferior a um mês, noutras não aparece nunca. Estas, porém, são incapazes de conceber porque esta é a matéria de que se gera um ser humano. A semente masculina, actuando como um coágulo, faz com que o sangue menstrual se tome compacto e, passado algum tempo, ganhe vida e tome forma corpórea. Por esta razão, quando o fluxo se mantém numa grávida, esta dá à luz um ser débil ou que não tem capacidade de se manter vivo ou, de acordo com Nigídio, com o corpo impregnado de sangue corrompido.

A menstruação levantou sempre questões difíceis de responder. Entendido como uma semente, como a matéria que alimenta o feto ou como um processo purgativo, o sangue menstrual foi até muito tarde uma das características femininas que mais desconforto e desconfiança suscitou.

Estêvão de Alexandria (séc. VII d. C.) dizia aos seus alunos que os tratados hipocráticos de temática ginecológica deviam ser os últimos a ser lidos. Não tinham, segundo Estêvão, grande interesse, uma vez que só tratariam de «fezes e urina e matérias semelhantes»⁽¹⁴⁾. Ao contrário do que Estêvão afirmava, todavia, – e, se tivesse ao seu dispor uma ferramenta que lhe permitisse contar palavras, saberia – estes não abordam nenhuma matéria produzida pelo corpo da mulher mais do que o sangue. Toda a ginecologia antiga, aliás, se fundamenta de forma visível nas movimentações do fluxo menstrual. Na ginecologia hipocrática, que se baseia (ainda que não de modo uniforme) no equilíbrio entre os quatro humores produzidos pelo corpo (fleuma, sangue, bílis negra e bílis amarela), a distinção entre os sexos é evidente. A principal característica que distingue a mulher do homem é a textura esponjosa e porosa do seu corpo, que faz com que absorva e retenha mais líquidos e a torna um ser húmido. O homem, pelo contrário, tem uma constituição mais compacta, mais firme, porque, como é mais activo do que a mulher, despende mais líquidos do que esta. O homem utiliza toda a matéria oriunda da alimentação para construir um corpo mais vigoroso. A vida sedentária da mulher, pelo contrário, leva à acumulação de líquidos. A distinção entre os dois sexos faz-se, assim, através de antíteses: o corpo do homem é firme, compacto e frio; o da mulher, ao invés, é mole, poroso e quente⁽¹⁵⁾.

O excesso de sangue cria a necessidade de repor o equilíbrio: é por esta razão que, em períodos mais ou menos regulares, a mulher liberta os *menses*. Quanto mais jovem a idade da mulher, mais húmida esta será e mais sangue existirá no seu corpo. A função primordial do útero, quando a mulher não está grávida, é garantir o equilíbrio necessário a um estado saudável. Quando o útero não desempenha convenientemente as suas funções, a saúde da mulher corre riscos sérios.

Também em Celso, o corpo feminino é mais fraco e mais instável devido aos desequilíbrios causados pelo fluxo anormal dos *menses*. Como os autores dos tratados hipocráticos, Celso considera a mulher um ser com mais sangue do que o homem⁽¹⁶⁾, sempre sujeita a um estado de saúde precário. O bem-estar da mulher depende do

equilíbrio menstrual. A regularidade menstrual é, assim, um dos sintomas mais importantes para confirmar a saúde da mulher. É por esta razão que Sorano aconselha que, antes de saber se uma futura noiva tem posses, é mais importante indagar sobre a regularidade dos *menses* ou *katamenia*, duas designações que, baseadas nas palavras gregas e romanas que designam o mês, mostram a importância de uma menstruação regular como factor que permite determinar a fecundidade da futura esposa.

Como, para os autores dos tratados hipocráticos, o útero não é um órgão fixo – lembremo-nos de que é Herófilo quem identifica os ligamentos do útero – em determinadas condições de natureza patológica, por exemplo quando está seco e, por esta razão, mais leve, vagueia pelo corpo, em busca de humidade. Vejamos apenas duas situações em que se apresenta um quadro de sintomas causados pela deslocação do útero, num caso para a cabeça, no outro para os pés:

Se o útero se desloca para a cabeça, o quadro de sintomas é o que segue: a paciente queixa-se de dores nas veias do nariz e nas que se situam debaixo dos olhos. Neste caso, convém que a doente se banhe com água quente em abundância, água em que se cozeu louro e mirra, e que se molhe com ela a cabeça. Deve ungir-se-lhe a cabeça com unguento de rosas e fazer fumigações com substâncias aromáticas. (...) (*Nat. Mul.* 48)

Quando o útero se desloca para as pernas e para os pés, sabe-se por isto: há espasmos nos dedos dos pés, debaixo das unhas, e dor nas pernas e nos músculos. Quando for esta a situação, convém que se banhe a doente com água quente (...) e fazer fumigações com substâncias de odor repelente. (*Nat. Mul.* 49)

Em algumas destas deslocações, identifica-se como sintoma o bloqueio da respiração. A esta condição dava-se o nome de *hysterike pnix* (literalmente: «sufoco do útero»). Mesmo depois da descoberta dos ligamentos por Herófilo, a tese de que o útero se movimentava mais ou menos *ad libitum* no interior do corpo feminino manteve-se, ao ponto de se lhe conceder quase uma existência autónoma. Veja-se apenas o que nos diz Areteu de Capadócia, já no século I ou II d. C.:

Em geral, na mulher, o útero é como um animal dentro de um animal. (*Areteu. SA. 2.11.2⁽¹⁷⁾*)

Só uma vida sexual regular garante que o útero mantém um funcionamento estável. O sexo é, assim, apresentado como uma terapia e as mulheres sexualmente activas são mais saudáveis do que as jovens viúvas ou as virgens de idade avançada. Note-se que em sociedades em que o casamento e a procriação são para a mulher uma espécie de função cívica, estas mulheres constituem categorias problemáticas e são encaradas com alguma apreensão. No tratado hipocrático *De Virginum morbis*, por exemplo, o autor é muito claro ao afirmar que a puberdade das raparigas pode ser um período de alguma instabilidade para a saúde das jovens, instabilidade a que o casamento e uma subsequente gravidez porão termo¹⁸. Uma vez que nesta fase o fluxo de sangue aumenta de volume, a menstruação torna-se problemática, já que o corpo não tem ainda a capacidade de despender ou de expelir uma quantidade maior de sangue que, por este motivo, se acumula em órgãos vitais como o coração e o diafragma, causando sintomas vários entre os quais se distinguem os que afectam a inteligência das jovens: delírios, tendências suicidas, etc. Casamento, sexo e gravidez são, assim, etapas fundamentais não apenas para a integração social da mulher, mas também para o seu bem-estar físico e psicológico.

A regularidade menstrual é um dos sintomas mais importantes para confirmar a saúde da mulher. Para Plínio, o sangue menstrual é uma substância das mais intrigantes: tem poderes nocivos, que, ainda assim, não deixam de ter as suas utilizações. Vejamos apenas um excerto de um dos dois textos em que Plínio descreve os efeitos desta substância:

Solum autem animal menstruale mulier est; (...) sed nihil facile reperitur mullerum profluio magis monstrificum. acescunt superuentu musta, sterilescent <t>actae fruges, moriuntur insita, exuruntur hortorum gemina, fructus arborum, quibus insidere, decidunt, speculorum fulgor aspectu ipso hebetatur, acies ferri praestringitur, eboris nitor, alui apium moriuntur, aes etiam ac ferrum robigo protinus corrumpit odorque dirus aera, et in rabiem aguntur gustato eo canes atque insansibil veneno morsus inficitur. (Nat. 7.63-64)

O único animal que menstrua é a mulher. (...) Não se encontra facilmente algo mais monstruoso do que a menstruação das mulheres. Quando se lhe acrescenta, o mosto azeda; as searas, quando tocadas [i. e. por uma mulher menstruada], tornam-se estéreis; os rebentos dos jardins morrem depois de semeados, abrasando-se por completo; os frutos das árvores sob as quais se senta caem; o brilho dos espelhos obscurece só pela aparição [i. e. da mulher no espelho]; o ferro torna-se

rombo; desaparece o brilho do marfim; os cortiços das abelhas morrem; a ferrugem apodera-se velozmente do ferro e um cheiro horrível fica no bronze. Quando o provam [i. e. o sangue menstrual], os cães contraem raiva e as suas dentadas são infectadas por um veneno insanável.

O corpo da mulher é também origem de substâncias medicinais. A saliva, o sangue menstrual, o leite materno, o cabelo, etc., são matéria-prima de muitas terapias. As palavras de Plínio sobre o sangue menstrual e as suas propriedades mostram uma mistura de respeito e de medo. O corpo da mulher e as substâncias que dele advêm têm, deste modo, um carácter ambíguo. Quando, no livro 28, começa a descrever a utilização medicinal das substâncias provenientes do corpo da mulher, afirma:

Quae ex mulierum corporibus traduntur, ad portentorum miracula accedunt, ut sileamus diuis<a> membratim scelera abortus, mensum piacula quaeque alia non obstetrices modo, uerum etiam ipsae meretrices prodidere. (Nat. 28.70)

Os remédios que se transmitem e que têm origem no corpo da mulher estão muito próximos dos prodígios mais monstruosos, ainda que mantenhamos silêncio sobre os crimes de aborto e dos fetos desmembrados, as utilizações criminosas da menstruação e outras que, não apenas as parteiras, mas, na verdade, também as meretrizes contam.

E termina a enumeração com a afirmação:

Haec sunt quae retulisse fas sit, ac pleraque ex <i>is non nisi honore dicto, reliqua intestabilia, infanda (...)

São estas as que é lícito contar, e a maioria delas não antes de pedir perdão; as restantes são abomináveis, infandas (...) (Nat. 28.87.1)

Escrúpulos de ordem moral estão na base da selecção da matéria a expor, o que mostra que Plínio se sente pouco à vontade em descrever algumas utilizações destas substâncias, nomeadamente na prática do aborto. O assunto é delicado e exige o escrutínio do autor. Muitas informações, que Plínio não considera apropriadas, terão sido omitidas.

Muitas destas indicações derivam de um nível de medicina popular, com uma finalidade estritamente pragmática: Plínio diz que o leite materno é um dos remédios mais úteis (Nat. 28.123) e a faixa que as mulheres usavam para sustentar o peito, uma espécie de *soutien*, quando enrolada à volta da cabeça, alivia as cefaleias (Nat. 28.76); o

sangue menstrual cura a epilepsia, a raiva e as febres (*Nat.* 28.82-86) e a presença de uma mulher menstruada afasta tempestades e tornados (*Nat.* 28.77), além de destruir pragas agrícolas como larvas, vermes e insectos (*Nat.* 28.78). Esta atitude consubstancia uma construção da mulher como um ser diferente, cujo corpo pode ter ao mesmo tempo utilizações benignas ou perniciosas.

A gravidez recebe grande atenção nos textos em análise. Sempre ameaçada pelo perigo de aborto espontâneo, pode terminar devido ao cheiro de uma lucerna apagada (*Plin. Nat.* 7.43). No Corpo Hipocrático, actividades físicas violentas (transporte de cargas pesadas, espancamento, saltos), uma alimentação deficiente (em excesso ou escassa, o uso exagerado de substâncias nocivas, como o vinho), traumas psicológicos, como o medo excessivo de algo (*Mul.* 1.25) podem causar um aborto espontâneo. Em Celso, a *mulier gravida* é uma categoria particularmente susceptível a determinadas patologias e circunstâncias: as condições climatéricas podem ser constituir um risco se se aproximar a data do parto (2.1.14); disfunções do aparelho digestivo podem provocar a perda do feto (2.7.16) ou da mãe e do filho (2.8.30); uma doença grave será certamente fatal (2.6.8). Plínio afirma que um aborto no quarto ou no oitavo mês é mortal (*Nat.* 7.40). Na *História Natural* são numerosas as indicações de substâncias ou actos que uma mulher grávida deve evitar: um espirro durante a relação sexual pode provocar um aborto (*Nat.* 7.42.8); passar por cima de um castor ou das secreções do seu corpo, de uma víbora ou de uma anfisbena provoca a perda da criança e, se a grávida passar por cima de um ovo de corvo, corre o risco de abortar pela boca⁽¹⁹⁾.

Parece ter existido desde cedo a distinção entre um aborto que ocorria nos primeiros dias após a concepção e um aborto numa gravidez avançada. Já os autores dos tratados ginecológicos hipocráticos e Aristóteles designam como *ekrysis* ou *ekroia* a expulsão de um embrião informe e inanimado, com dias ou semanas⁽²⁰⁾. Estes termos têm o significado pouco específico de «fluxo» e, portanto, um sentido mais geral do que *ektrosmos* que significa «aborto» ou «parto de um feto antes do termo»⁽²¹⁾.

Quando estas situações aconteciam, os cuidados de saúde de que a maioria das mulheres dispunha não seriam mais do que os que eram proporcionados por redes sociais próximas, como as mulheres da família ou as vizinhas. Se uma mulher fosse saudável, só teria necessidade de recorrer a um profissional de saúde no momento do

parto e, provavelmente em muitos casos, só se este se adivinhasse ou se tornasse difícil. Eram as parteiras quem acompanhava estes acontecimentos. Tanto as classes menos favorecidas como a elite recorreriam principalmente a parteiras, ainda que Jackson (1988) 86 defenda que as médicas de que temos registo se dedicariam em especial à ginecologia. Muitos dos epitáfios de *obstetrices* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* provêm dos *columbaria* das grandes famílias ou mesmo da casa imperial. O facto de quase todos indicarem a origem servil destas parteiras parece mostrar a existência de parteiras ao serviço destas famílias.⁽²²⁾ Ainda assim, muitas parteiras parecem ter vindo do Oriente (French (1987) 73), onde a profissão tinha mais prestígio social. Estas teriam um maior nível de instrução para o desempenho da profissão, mas uma parteira com esta formação acarretaria também um maior investimento financeiro. Assim, uma parteira poderia ser desde uma simples «entendida», sem qualquer tipo de preparação que não a experiência, a uma mulher com conhecimentos científicos fundamentados. Bliquez (1992) identifica nas ruínas de Pompeios pelo menos três sítios arqueológicos que, considerando o tipo de instrumentos aí encontrados, parecem ter sido centros mais ou menos especializados em ginecologia e obstetria. Os *specula* vaginais aí encontrados demonstram uma evolução tecnológica notável⁽²³⁾.

Estes cuidados, porém, não terão evitado taxas de mortalidade materna e perinatal elevadas. O número de mulheres e crianças falecidas no parto ou no seu seguimento deve ter sido considerável⁽²⁴⁾, devido a hemorragias, infecções e outras patologias. O facto de muitas raperigas, provavelmente mais as que pertenciam à elite do que as das classes menos favorecidas, serem muito jovens na primeira gravidez teria certamente agravado os riscos, tanto para a mãe como para o filho.

Sorano (4.9-13) e Celso (7.29) descrevem com alguma minúcia uma intervenção cirúrgica para extrair do ventre materno um feto morto ou sem possibilidades de nascer com vida⁽²⁵⁾. Quando isto acontecia, matava-se o feto *in utero* e, se não fosse possível retirá-lo inteiro, desmembrava-se e retirava-se pedaço a pedaço para salvar a vida da mãe. Estes textos demonstram uma perícia assinalável, o que prova que muitas intervenções deste tipo se teriam realizado.

Estas dificuldades devem ter contribuído para que muitas mulheres considerassem com alguma ansiedade a gravidez e a quisessem

evitar. A contracepção – ou a tentativa de a realizar – parece ter sido, de facto, uma preocupação constante e antiga. O historiador norte-americano John Riddle defende nas suas obras que existia na Antiguidade um conhecimento fundamentado nesta matéria⁽²⁶⁾. Este autor sustenta que, ao contrário do que normalmente pensamos, o recurso a substâncias contraceptivas e abortivas seria frequente, feito de forma consciente, e que muitas teriam resultado. Partindo da análise das substâncias mais referidas para este fim pelos autores das ginecologias e das farmacopeias antigas – algumas espécies de *ferulae* (*ferula assafoetida*, *ferula communis*, *ferula persica*), a romã, a arruda, etc. – o autor apoia-se em estudos científicos actuais para defender que as propriedades contraceptivas ou abortivas dessas substâncias estão hoje em dia cientificamente comprovadas.

Alguns problemas, contudo, põem em causa a tese de Riddle. Ainda que as substâncias referidas possam ter sido eficazes, é incerta a divulgação do seu uso. Se, como defende Rouselle (1980) 1091-1092, os autores destas obras se apropriaram de uma tradição oral feminina, formada a partir das experiências de gerações sucessivas, é de admitir que algumas mulheres tivessem acesso a métodos mais ou menos eficazes para limitar o número de filhos. Ainda que a conclusão de Riddle seja, de facto, surpreendente, falta demonstrar que o uso que delas era feito era rigoroso ou frequente. É relevante, ainda assim, que estas substâncias sejam mencionadas de forma consistente e regular em textos antigos e medievais.

As referências à interrupção voluntária da gravidez são efectivamente numerosas. O autor do tratado hipocrático *De natura pueri* recomendou a uma bailarina que não queria perder o seu valor estético que saltasse de forma a bater com os calcanhares nas nádegas até perder o feto⁽²⁷⁾. As receitas «para expulsar o *embryon*» são muito frequentes e de aplicações e ingredientes variados⁽²⁸⁾. Entre os autores romanos, ao invés, rareiam as indicações de técnicas ou de medicamentos para interromper a gravidez. Celso nem sequer menciona a prática e Plínio considera o aborto provocado um acto criminoso inventado pelas mulheres (*Nat.* 10.172)⁽²⁹⁾, mas o facto de – ainda que o faça de uma perspectiva de protecção da gravidez – enumerar longas listas de actos que a grávida deve evitar porque provocam o aborto permite que se recorra àqueles com a finalidade oposta⁽³⁰⁾.

Encarado com desconfiança e associado a uma má conduta sexual da mulher, o aborto voluntário torna-se tema de textos de indole

moralista. De entre estes, o exemplo mais citado é um excerto da chamada *Sátira contra as mulheres* de Juvenal:

*haec tamen et partus subeunt discrimen et omnis
nutricis tolerant fortuna urgente labores,
sed iacet aurato uix ulla puerpera lecto.
tantum artes huius, tantum medicamina possunt,
quae steriles facit atque homines in ventre necandos
conducit. gaude, infelix, atque ipse bibendum
porrige quidquid erit; nam si distendere uellet
et vexare uterum pueris salientibus, esses
Aethiopsis fortasse pater (...).* (6.592-600)

Estas, porém, suportam até o perigo do parto e sofrem todos os esforços da amamentação que o seu destino lhes impõe, mas dificilmente jazerá num leito dourado alguma puérpera. É tão grande o poder das suas habilidades, é tão grande o poder dos [medicamentos] que tornam as mulheres estéreis e, por dinheiro, matam seres humanos no ventre. Alegra-te, infeliz, e sê tu próprio a estender-lhe a poção [para beber,] o que quer que seja; pois se ela quisesse encher o ventre e perturbá-lo com crianças saltitantes, serias provavelmente pai de um Etiope (...).

Uma situação que, todavia, deve ter sido frequente, e que não aparece documentada, relaciona-se com um aborto motivado por razões económicas. Se o pai da criança decidisse que a mãe teria de abortar o filho, de que meios disporia esta para se lhe opor?

O debate sobre a prática do aborto voluntário é reproduzido na obra de Sorano. Alguns autores, diz, são contra o aborto porque declaram que a função da medicina é defender e não destruir o que foi gerado (1.60.2). Outros, com os quais o autor diz concordar, assumem uma posição mais moderada: admitem que se pratique o aborto terapêutico, mas dizem-se contra o aborto quando este é motivado por razões fúteis, de ordem moral ou estética (1.60.3). A polémica interminável sobre a legitimidade do aborto voluntário baseia-se na definição do momento em que o feto passa a ser considerado um ser humano. Para a maioria dos autores da Antiguidade, isto aconteceria não na concepção nem no parto, mas num momento do desenvolvimento fetal, determinado de forma divergente, seja pela existência de movimento, seja pelo nível de formação do feto, este só verificável pela observação dos fetos abortados. Nos primeiros tempos da gravidez,

parece ter havido uma aceitação mais ou menos abrangente da perda do feto, que ainda não se considerava um ser humano. Na falta de meios de diagnóstico que permitissem verificar o nível de formação ou a existência de movimento ou alma no embrião, esta confirmação dependia da percepção da mãe, sempre subjectiva¹¹¹. Também a falta de exactidão na determinação da data da concepção tornaria muito fluidos os limites propostos, o que levaria a que o aborto de uma gravidez que estivesse ainda no início ou que não tivesse sido notada não levantasse muitas suspeitas em relação à intervenção da mulher.

A compreensão dos processos biológicos associados à reprodução serve sempre o propósito da integração social da mulher. É no seu papel de mãe potencial que a mulher surge nestes textos, pois é nesta sua particularidade que ela difere do homem e se torna, assim, fonte de controvérsia e de escrutínio. Apesar dos incentivos sociais da maternidade, os autores estudados reconhecem as dificuldades que algumas mulheres podem enfrentar para realizar este objectivo. A fisiologia da mulher, construída com base na sua capacidade reprodutora, está sujeita a patologias diversas que podem impedir ou dificultar a concepção e a gestação. A fragilidade da mulher e das suas condições é uma constante dos textos analisados, cujo fim é recuperar a normalidade que permitirá a gravidez e o parto. Ser instável, sujeito a mutações estranhas e inesperadas, palco de processos obscuros e misteriosos, o corpo da mulher assume-se sempre como um elemento a interpretar de forma a permitir a sua inserção numa sociedade que, para sobreviver, depende de órgãos que parecem ter vontade própria.

Notas

¹¹¹ Op. 60-105; Th. 571-612. Cf. ZEITLIN, F. I., «Signifying difference: the case of Hesiod's Pandora» in *Playing the Other: Gender and Society in Classical Greek Literature*, Chicago/London, 53-86, 1996, *passim*; KING, H., *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*, London/New York, 23ss.

¹¹² Cf. em STADEN, H. von, *Hierophilus: The Art of Medicine in Early Alexandria*, Cambridge/New York, 1989, 139ss. uma recolha e tradução inglesa dos textos que referem estas práticas.

¹¹³ Esta dificuldade é testemunhada por Aristóteles, que reconhece a necessidade de analisar carcaças de animais ou animais vivos para perceber o corpo humano: «Vimos até agora a disposição das partes do corpo visíveis do exterior e, como também já afirmámos, foram essas que sobretudo receberam nomes específicos e que se tornaram conhecidas pela familiaridade que temos com elas. Com as interiores passa-se exactamente o contrário. São desconhecidas, principalmente no homem, pelo que têm de ser estudadas relativamente às partes dos outros animais, cuja natureza é próxima da humana.» Arist. HA

494b21-24 trad. SOUSA E SILVA, M. F., *Aristóteles, História dos Animais*, Lisboa, 2006, 75. Este método levou a muitos equívocos na medicina. Na ginecologia, por exemplo, testemunha-se em alguns autores (hipocráticos, Aristóteles, Plínio...) a crença de que o útero se dividia em duas câmaras e que numa se gerava o feto do sexo masculino e noutra o feminino.

¹¹ O Corpo Hipocrático é uma colectânea de textos de origens, datas, autores e posições teóricas divergentes, que durante muito tempo foi atribuída ao pai da medicina, uma figura meio lendária, que normalmente situamos nos séculos V a IV a. C. A colecção é composta por cerca de sessenta tratados, de temáticas muito diversas, que são datáveis de entre 420 a 370 a. C. Tomou forma na biblioteca de Alexandria, provavelmente no início do séc. III a. C.. Nesta pesquisa, revestem-se de singular importância uma série de tratados que podemos dividir em dois grandes grupos temáticos. Por um lado, os que abordam questões relacionadas com a saúde das mulheres: os *Gynakela* ou *Doenças das Mulheres (Mul.)*, a *Natureza da Mulher (Nat. Mul.)* e *Doenças das Virgens (Virg.)*, este último em estado fragmentário. Por outro lado, um grupo de tratados, na sua maioria breves ou incompletos, sobre o que poderíamos chamar, com as necessárias reservas, de embriologia: *Geração (Genit.)*, *Natureza da Criança (Nat. Puer.)*, *Feto de Seis Meses (Sephim.)* e *Feto de Oito Meses (Oct.)*, *Superfetação (Superf.)* e *Excisão do Feto (Foet. Exsect.)*.

¹² «[Nas mulheres] não se encontra nenhum órgão a mais do que nos homens. Só a posição se altera: pois o que nas mulheres está no interior, nos homens está no exterior.» (Gal. *ÚP* 4.160K).

¹³ Cf. o texto em que Sorano, autor oriundo de Efeso que praticou medicina em Roma nos principados de Trajano e de Adriano, analisa estas etimologias: «O útero [gr. *metra*] designa-se também *hystera* e *delphys*. *Metra* porque ele é a mãe [gr. *metēr*] de todos os embriões que dele provém, ou porque permite aos seres que têm um [útero] tornarem-se mães, ou ainda, de acordo com alguns autores, porque ele fixa a medida [gr. *metron*] do tempo nas regras e no parto. Designa-se *hystera* porque manifesta a sua actividade mais tarde [gr. *hysteron*], ou porque está situado atrás dos outros órgãos, se não de forma precisa, pelo menos aproximadamente. Chama-se *delphys* porque gera irmãos e irmãs [gr. *adelphoi*].» (1.6) As traduções, quando não identificadas, são da nossa autoria.

¹⁴ Plínio explica assim a utilização destas palavras: *Feminis eadem omnia praeterque vesicae iunctus utriculus, unde dicitur uterus, quod alio nomine locus appellant, hac in reliquis animalibus utiuntur, haec uterae et intra se parientibus duplex, qua generantium adnexa praecordis, et in muliere geminos sinus ab utraque parte laterum habet, funebri quotiens versa spiritum inclusit.* (Nat. 11.209) «As mulheres têm os mesmos órgãos [i. e. que o homem] e ainda, unido à bexiga, um órgão com a forma de um pequeno odre [lat. *utriculus*] que por esta razão é designado como "útero" [lat. *uterus*]. A este órgão dá-se o outro nome de "lugares" [lat. *loci*] e, nos restantes animais, de "vulva" [lat. *vulva*]. Este é duplo nas serpentes e nos animais de reprodução interna, está unido ao coração nos ovíparos, e na mulher tem duas cavidades em ambos os lados das ancas. Este órgão pode ser mortal quando, tendo-se virado sobre si mesmo, impede a respiração.»

¹⁵ Gr. *angos* (Hp. Ep. 6.5.11), *aryster* (Hp. Genit. 9).

¹⁶ Ainda hoje «a boca do corpo» é designação de origem popular para a vagina. Cf. HOUAISS (2003) s. v. ou outro qualquer dicionário de língua portuguesa.

¹⁷ Esta associação é bem visível nas ilustrações de um manuscrito de um autor que traduziu a obra de Sorano para língua latina, Mústion ou Mósquion, que representam as posições que um feto pode apresentar dentro do útero. Reproduzidas em TEMKIN, O., *Soranus' Gynecology*, Baltimore, 1991; e GÓUREVITCH, D., *Le Mat d'Être Femme*, Paris, 1984.

¹¹¹ Galeno, todavia, identificou o percurso correcto das trompas. Cf. FLEMMING, R., *Medicine and the Making of Roman Women: Gender, Nature, and Authority from Celsus to Galen*, Oxford/New York, 2000, 295ss.

¹¹² Genit. 5.1; 5.5; Nat. Puer. 12.1; Arist. HA 637b30; Lucr. 4.1209-1217.

¹¹³ Cf. GA 727b18, 728a, 729a.20-33 e COOPER, J. F., «Metaphysics in Aristotle's embryology», *PCPS* 214, 1988, 16, e BESTOR, J. F., «Ideas about procreation and their influence on Ancient and Medieval views on kinship» in Kertzer, Saller, eds., *The Family in Italy from Antiquity to the Present*, New Haven, 1991, 152.

¹¹⁴ Steph. in Hp. 1.1; cf. HANSON, A. E., «The medical writers' women» in D. M. Halperin, J. J. Winkler and F. I. Zeitlin, eds., *Before Sexuality: the Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, Princeton, 1990, 311.

¹¹⁵ Veja-se, por exemplo: «Eu afirmo que a mulher tem a carne menos densa e mais débil do que o homem e, por esta razão, o corpo da mulher elimina uma maior quantidade de humor e mais rapidamente do que o homem. (...) A mulher (...) como tem uma natureza mais débil, atrai para o seu corpo o humor que procede do seu ventre mais rapidamente e em maior quantidade do que o homem. Quando o corpo da mulher se enche de sangue, se este não é eliminado, advém distúrbios porque a sua carne se saturou e se aqueceu, uma vez que a mulher tem o sangue mais quente e por este motivo é mais quente do que o homem.» (Mul. 1.1).

¹¹⁶ Ao descrever uma cirurgia de remoção de cálculos na vesícula no corpo do homem, só posteriormente explica a diferença da mesma intervenção na mulher, e diz: *neque ferrii conuenit, si plus ex muliebri corpore sanguinis profuit.* (7.26.4) «nem convém assustar-se se sai mais sangue do corpo da mulher».

¹¹⁷ Um texto igualmente notável é aquele em que Platão descreve a capacidade de o útero se movimentar: «Nas mulheres, a matriz ou útero, como se designa – um animal interior desejoso de procriar – quando se mantém estéril durante muito tempo além da ocasião conveniente, suporta com dificuldade esta condição e irrita-se. Deslocando-se através do corpo em todas as direcções e obstruindo as vias da respiração, não sendo capaz de respirar, lança o corpo num estado de dificuldade extrema e causa ainda doenças de todas as espécies.» (Plat. 7i, 91b-d).

¹¹⁸ «Eu aconselho as jovens a que, quando sofrerem de tais sintomas, se casem o mais rapidamente possível: se engravidarem, ficam curadas; se não, logo que chegarem à puberdade ou um pouco depois são afectadas por este mal, senão por outro.» (Vrg. 1.41-44).

¹¹⁹ Nat. 10.32; 30.128; 30.130; 32.133. Plínio associa o perigo de abortar pela boca, depois de a grávida passar por cima de um ovo de corvo, à crença de que os corvos copulam e põem ovos pela boca (Nat. 10.32).

¹²⁰ «Porque o que se chama um desmancho acontece durante esses dias.» (HA 583a25), trad. SOUSA E SILVA (2008) 211. «Chama-se "desmancho" ao aborto do feto nos primeiros sete dias e "parto falso" à expulsão no período que vai até aos quarenta dias. É sobretudo neste último período que a maior parte dos abortos se dá.» (HA 583b11), trad. SOUSA E SILVA (2008) 211. A tradução citada de SOUSA E SILVA (2008) mantém esta diferença, traduzindo *ekryseis* por «desmancho» e *ektrosmoi* por «parto falso». Cf. também GA 758b8.

¹²¹ Sorano apresenta de forma clara a distinção entre três tipos de interrupção da gravidez, designando como *ekroia* a expulsão do sêmen entre um a três dias após a relação sexual, como *ektresis* a morte do embrião no segundo ou no terceiro mês da gravidez e como *omotokia* o nascimento prematuro de um feto de saúde frágil (3.47.2).

¹²⁰ Este padrão coincide com o que se verifica em relação aos médicos. Em Roma, no século I d. C., mais de setenta e cinco por cento dos médicos eram escravos ou ex-escravos, a maioria com origem grega. De acordo com NUTTON, V., *Ancient Medicine*, London/New York, 2004, 165, menos de cinco por cento dos médicos referidos nas inscrições do Ocidente teriam nomes não gregos, o que parece indicar a origem social humilde destes.

¹²¹ Alguns destes espelhos em: http://www.hsl.virginia.edu/historical/artifacts/roman_surgical/ (em 20 de Junho de 2010). Em KUNZL, E., «Forschungsbericht zu den antiken medizinischen Instrumenten», ANRW II.37.3, 1996, 2626-2629, a imagem de dois specula, um de Mainz e outro de Pompeios. Em NUTTON, V., *Ancient Medicine*, London/New York, 2004, 200, a imagem de outro speculum, encontrado no Líbano. Também existe um no Museu Arqueológico de Madrid.

¹²² São muitas as referências a mulheres romanas falecidas no parto ou no seu seguimento. Tullia, filha de Cícero, faleceu um mês depois de dar à luz um filho, que também não sobreviveu. Emília, esposa de Pompeio, morreu depois do parto (Plut. Pomp. 9). Júlia, filha de César e também ela esposa de Pompeio, algum tempo depois de abortar do seu primeiro filho, morreu no parto e a criança alguns dias depois (Plut. Pomp. 9). Júnia Claudila, esposa de Calígula, faleceu no seguimento do parto (Suet. Cal. 12). As duas irmãs Helvidias, referidas por Plínio-o-Moço, morreram ambas no parto, depois de cada uma delas ter dado à luz uma filha (Plin. Ep. 4.21). FRENCH, V., «Midwives and maternity care in the Roman world» in M. Skinner, ed., *Rescuing Creusa: New Methodological Approaches to Women in Antiquity*, Lubbock, 1987, 69, propõe para o mundo romano uma estimativa de cinco parturientes mortas em cada vinte mil, mas Rawson, B., *Children and Childhood in Roman Italy*, Oxford, 2003, 103, considera este cálculo demasiado baixo. Em 2005, a taxa mundial média de mortalidade materna era de quatrocentas mulheres em cada cem mil nascimentos. Países subdesenvolvidos como a Serra Leoa ou o Afeganistão apresentaram neste ano taxas de, respectivamente, duas mil e cem e mil e oitocentas mortes em cada cem mil nascimentos. Em 2005, cerca de quinhentas e trinta e seis mil mulheres morreram no mundo devido a complicações na gravidez e no parto e noventa e nove por cento destas mortes aconteceram nos países subdesenvolvidos. Cf. estas e outras estimativas em *Maternal Mortality in 2005* (www.who.int/reproductive-health/publications/maternal_mortality_2005/mma_2005.pdf, em 20 Abril de 2009). Como não recordar as palavras da Medeia de Eurípides: «Como eu preferiria mil vezes estar na linha de batalha a ser uma só vez mãe» (250-1), trad. ROCHA PEREIRA (1996^o) 43.

¹²³ Já nos tratados hipocráticos se descreve a extracção de um feto morto ou mal posicionado (por exemplo: *Mul.* 1.68-70 e *Superf.* 1, em que se afirma que se deve cobrir a cabeça da parturiente, do modo a que esta não se assuste com as manobras do médico).

¹²⁴ RIDDLE, J. M. (1991), «Oral contraceptives and early-term abortifacients during Classical Antiquity and the Middle Ages», *Past & Present* 132, 3-32; idem, *Contraception and Abortion from the Ancient World to the Renaissance*, Cambridge, Mass., 1992; idem, *Ève's herbs: a history of contraception and abortion in the West*, Cambridge, Mass., 1997.

¹²⁵ Este salto é conhecido pela designação de salto lacedemónio, porque é referido por Lâmpito, uma personagem com esta origem que aparece na *Lisístrata* de Aristófanes (82).

¹²⁶ Estas receitas são normalmente prescritas como emenagogos ou como abortivos ou para expulsar o feto: *Mul.* 1.78.50, 1.78.104, *Nat. Mul.* 32.1, 32.25, 32.49, 95.1, etc.

¹²⁷ Ainda assim, em *Nat.* 29.85.6, e depois de realinhar a sua posição em prol da concepção, indica um método contraceptivo capaz de evitar a gravidez durante um ano: a mulher deveria utilizar num amuleto dois vermes, que se encontravam na cabeça de uma aranha a que os Gregos davam o nome de falange. Mas Plínio justifica por que motivo descreve

este método: *quam solem ex omni atocio dixisse fas sit, quoniam aliquarum fecunditas plena liberis tali uenia indiget.* «Seja lícito que eu refira apenas este, de entre todos os contraceptivos, porque a fecundidade excessiva de algumas mulheres carece desta indulgência.» É notável que um autor como Plínio reconheça que a contracepção pode, efectivamente, ser uma necessidade.

¹⁰⁶ *Nat.* 20.226, 20.248, 21.116, 21.147, 24.29, 24.143, 25.115, 27.110.

¹⁰⁷ Cf. KAPPARIS, K. A., *Abortion in the Ancient World*, London, 50.

Bibliografia

- BESTOR, J. F. (1991), «ideas about procreation and their influence on Ancient and Medieval views on kinship» in Kertzer and Saller (1991) (eds.), *The Family in Italy from Antiquity to the Present*, New Haven, Yale University Press, 150-167.
- BLIQUEZ, L. J. (1992), «Gynecology in Pompeii» in P. J. Eijk et al. (1992) (eds.), *Ancient Medicine in its socio-cultural context: Papers Read at the Congress held at Leiden University, 13-15 April 1992*, Amsterdam, Rodopi, 209-224.
- CALDWELL, J. C. (2004), «Fertility control in the classical world: was there an ancient fertility transition?», *Journal of Population Research* 21.1, 1-17.
- COOPER, J. F. (1988), «Metaphysics in Aristotle's embryology», *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 214, 14-41.
- DEAN-JONES, L. (1994), *Women's Bodies in Classical Greek Science*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- FLEMMING, R. (2000), *Medicine and the Making of Roman Women: Gender, Nature, and Authority from Celsus to Galen*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- FRENCH, V. (1987), «Midwives and maternity care in the Roman world» in M. Skinner (1987) (ed.), *Rescuing Creusa: New Methodological Approaches to Women in Antiquity*, Lubbock, Texas University Press, 69-84.
- GOUREVITCH, D. (1984), *Le Mal d'Ère Femme*, Paris, Les Belles Lettres.
- HANSON, A. E. (1990), «The medical writers' woman» in D. M. Halperin, J. J. Winkler and F. I. Zeitlin (edd.), *Before Sexuality: the Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, Princeton, N.J., Princeton University Press.
- JACKSON, R. (1988), *Doctors and Diseases in the Roman Empire*, Norman, University of Oklahoma Press.
- KAPPARIS, K. A. (2002), *Abortion in the Ancient World*, London, Duckworth.
- KING, H. (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*, London & New York, Routledge.
- KUNZL, E. (1996), «Forschungsbericht zu den antiken medizinischen Instrumente», *ANRW* II.37.3, 2433-2639.
- MAYHEW, R. (2004), *The Female in Aristotle's biology: reason or rationalization*, Chicago, University of Chicago Press.
- NUTTON, V. (2004), *Ancient Medicine*, London & New York, Routledge.
- PINHEIRO, C. (2009), *Orbae matres: a dor da mãe pela perda de um filho na Literatura Latina*, (tese de doutoramento) Universidade da Madeira.

- RAWSON, B. (2003), *Children and Childhood in Roman Italy*, Oxford, Oxford University Press.
- RIDDLE, J. M. (1991), «Oral contraceptives and early-term abortifacients during Classical Antiquity and the Middle Ages», *Past and Present* 132, 3-32.
- RIDDLE, J. M. (1992), *Contraception and Abortion from the Ancient World to the Renaissance*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- RIDDLE, J. M. (1997), *Eve's Herbs: a history of contraception and abortion in the West*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- ROUSSELLE, A. (1980), «Observation féminine et idéologie masculine; le corps de la femme d'après les médecins grecs», *Annales (Économies, Sociétés, Civilisations)* 35.5, 1089-1115.
- SOUSA E SILVA, M. F. (2008), *Aristóteles. História dos Animais*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- STADEN, H. von (1989), *Herophilus: The Art of Medicine in Early Alexandria*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.
- STADEN, H. von (1991), «*Apud nos foediora uerba*: Celsus' reluctant construction of the female body», in G. Sabbah (ed.), *Le Latin Médical : la Constitution d'un Langage Scientifique: Réalités et Langage de la Médecine dans le Monde Romain. Actes du IIIe Colloque international «Textes Médicaux Latins Antiques», Saint-Etienne, 11-13 septembre 1989*, Saint-Etienne, Université de Saint-Etienne, 271-296.
- TEMKIN, O. (1991), *Soranus' Gynecology*, Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- ZEITLIN, F. I. (1996), «Signifying difference: the case of Hesiod's Pandora» in *Playing the Other: Gender and Society in Classical Greek Literature*, Chicago & London, University of Chicago Press, 53-86.